

Poder e Política nas Organizações, à Luz das Teorias Organizacionais: Um Estudo Bibliométrico nos Anais do EnANPAD

Power and Politics in Organizations, under the light Organizational Theories: A bibliometric study in the Annals of EnANPAD

Glauber de Almeida Freitas Santos¹
José Alberto Carvalho dos Santos Claro²

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar as principais características da pesquisa em Administração, com ênfase nos subtemas Poder e Política nas Organizações, à luz do referencial teórico das Teorias Organizacionais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliométrica nos anais dos Encontros da ANPAD (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração) no período de 2008 a 2013; como resultado, foi constatado que Poder e Política vêm sendo tratados no âmbito das organizações, e que a pesquisa exploratória é a estratégia metodológica mais utilizada, uma vez que os manuscritos tratam de temas com elasticidade suficiente para serem explorados a partir de diferentes vertentes de análise e, ainda, por trazerem à tona a evolução das Teorias Organizacionais desde as suas origens, no tocante a Taylor e Fayol, e até mesmo à forma de administração de grandes multinacionais.

Palavras-chave: Teorias Organizacionais; poder; política.

Abstract

This article aims to describe and analyze the main characteristics of management research, from the subthemes Power and Politics in Organizations, in light of the theoretical framework of Organizational Theories. For this, we carried out a bibliometric study in the Annals of Dating ANPAD (National Association of Graduate Studies and Research in Administration) in the period 2008-2013. As a result, it was found Power and Politics see being addressed within the organizations and exploratory research is a methodological strategy most commonly used, due to the handwritten addresses an issue enough to be exploited using different analysis approaches elasticity and bring to light the evolution of organizational theory from its origins, in terms of Taylor and Fayol to the form of administration of large multinationals with different views.

Key-Words: Organizational Theories; Power; Politics.

¹Mestrando em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: glauberafs@gmail.com

²Professor Adjunto Nível A.I. de Administração, com Dedicção Exclusiva, na UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, IMar - Instituto do Mar.

1. INTRODUÇÃO

Diversas relações envolvendo poder já foram e estão sendo estudadas: nas relações sociais, familiares, na política, nas organizações, etc. Definir um conceito pleno de “Poder e Política” não é simples, e há correntes e disciplinas que os estudam junto às suas correlações, como os estudos das organizações e a Teoria das Organizações (TO). Não se pretende tomar posição contrária ou favorável a qualquer dos conceitos existentes; o objetivo do artigo é descrever e discutir o referencial teórico das TO, além de demonstrar e analisar, por meio da pesquisa bibliométrica nos anais dos EnANPADs (Encontros da ANPAD), no período de 2008 a 2013, a importância do tema Poder e Política para a Administração de Empresas, tendo como base as teorias que suportam os pilares da Administração, as teorias organizacionais (ANPAD, 2013).

Este artigo propõe, portanto, uma revisão exploratória da literatura acerca dos conceitos, características e fontes de poder, política e teorias organizacionais. A partir daí, são descritos os procedimentos metodológicos adotados, e, na sequência, apresentam-se a análise do resultado da pesquisa bibliométrica e as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Teorias organizacionais

A Revolução Industrial iniciou-se na Inglaterra, em meados do século XVIII, e expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX, gerando profundas transformações, em seu primeiro momento, no modo de vida e na forma que as organizações eram gerenciadas: a indústria têxtil é um representante dos avanços trazidos pela nova tecnologia. Contudo, é no seu segundo momento, a partir de 1870, que se intensificam as mudanças que levariam à sistematização da Administração como Ciência Social Aplicada, em resposta às crescentes demandas da industrialização e necessidades de melhorias no ensino superior com o objetivo de a ciência acompanhar a demanda profissional (FERREIRA *et al.*, 2011).

Com a mudança, as escolas teóricas europeias e norte-americanas traçaram caminhos diferentes em suas evoluções com relação às Ciências Sociais Aplicadas e indústria. A escola alemã se manteve mais rígida às mudanças, enquanto que a escola norte-americana, mais aberta a novas disciplinas e formas de pesquisa, levou a maiores descobertas e formulações de teorias inovadoras (SINGER, 2001).

Neste cenário, a indústria automobilística ocupa um papel central, como ilustra, por exemplo, a criação das linhas de montagem idealizadas pelo empresário estadunidense Henry Ford. Com o crescimento acelerado das indústrias e a intensificação de demandas por novos produtos, impõe-se a necessidade de racionalização do processo de produção em massa e a busca da maximização do capital investido (MAIA; FONSECA, 2007).

Legitima-se, assim, o imperativo de se desenvolver concepções teóricas capazes de lidar com questões técnicas de eficiência e produtividade, mas também com questões gerenciais, de planejamento, execução e controle, que viriam a possibilitar a transformação de pequenas fábricas em grandes corporações (GOMES *et al.*, 2010, p. 4).

Nesse contexto, surgem os primeiros teóricos das organizações, entre os quais se destacam o norte-americano Frederick Taylor (1856-1917), com a Administração Científica, e o francês Henri Fayol (1841-1925), com a Teoria Clássica. Da união dessas duas teorias foi desenvolvida a primeira abordagem das teorias organizacionais, a Abordagem Clássica (PUGH; HICKSON, 2004).

Após a concepção dessa primeira abordagem no início do século XX, outras abordagens foram desenvolvidas, ampliando o campo que viria a ser denominado de Estudos Organizacionais. Muitas dessas novas abordagens são consideradas ortodoxas, baseadas nos pressupostos do paradigma funcionalista. Entretanto, outras abordagens alternativas ao funcionalismo viriam a ser desenvolvidas, como o Neoinstitucionalismo, a Teoria Crítica e o Pós-modernismo (MAIA; FONSECA, 2007). Contudo, uma relação com o poder estava colocada e pronta para ser discutida: a relação das organizações com o poder que elas podem proporcionar em um novo mundo que se configurava a partir dessas grandes mudanças na forma de administrar.

Autores como Ferreira (2011) falam em novos paradigmas para a administração e novas formas de gestão ou *management*, que começava a ser implantado. Outros, como Lopes e Moras (2000), discursam sobre poder nas relações organizacionais, discutindo essa originada nos conceitos de Taylor, que pregava eficiência operacional por meio de uma relação direta de poder, e em Fayol, que aprofundou as relações de poder organizacionais, quando pregava também a eficiência, porém como visão de estrutura na gestão organizacional.

Contudo, não podemos deixar de falar sobre a evolução do capitalismo em termos de sistema no tocante a três fases abordadas por Druker (1993) (Sociedade, Política e Conhecimento). Ele aborda historicamente a passagem de uma sociedade baseada em

escambo e pequenos comércios locais, passando pelo período das grandes navegações, onde os conceitos de globalização foram introduzidos por meio de comércio entre continentes e a formação de grandes sociedades que evoluíram no sistema capitalista fundamentado na revolução industrial e distribuição e concentração do capital em pequenos grupos de pessoas.

A etapa seguinte consiste no conhecimento, onde os mesmos grupos de pessoas exercem o poder por meio da força do capital nas empresas. Poder da hierarquia de funções organizacionais e política dentro da empresa com objetivos pessoais ou para colocar em evidência um departamento sobre os outros (VIZEU, 2010).

Essa discussão e nova forma de administração desembarcam no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1960, quando surgem as primeiras escolas de administração e, com elas, as abordagens da Teoria das Organizações, começam a se difundir no meio acadêmico brasileiro. Desde o final da década de 1990, os estudos organizacionais no Brasil têm sido influenciados pelo lançamento da edição brasileira do *Handbook of Organization Studies* (CLEGG *et al.*, 2001) que contribuiu para a diversificação do campo. A um só tempo, esta obra consolidou visões clássicas e trouxe novas perspectivas da teorização organizacional, tendo recebido, na edição brasileira, significativas contribuições de acadêmicos nacionais sob a forma de notas técnicas, na busca de se propiciar uma dimensão autóctone a este campo de conhecimento, historicamente marcado por uma visão americanizada da administração.

Com o passar dos anos, a literatura e pesquisa nacional foram se tornando mais profundas, e atualmente há um movimento para se resgatar autores brasileiros que trataram o tema TO com propriedade, bem como o tema mais amplo – Administração – como Guerreiro Ramos, que vêm sendo citado em obras recentes, como a de Junior (2008), que discute o pensamento de Ramos no âmbito da sociologia no Brasil. Como um contraponto à escola norte-americana, que toma conta da maioria das indicações bibliográficas nas escolas nacionais e até sul-americanas, esse movimento de trazer à tona novos pensamentos e visões de fora da América do Norte é salutar para o desenvolvimento da pesquisa local.

Retomando o tema TO, uma teoria que merece destaque na discussão sobre o tema central deste artigo é a Aprendizagem Organizacional (AO), que se refere a “como a aprendizagem acontece; isto é, os processos de construção e utilização do conhecimento, perspectiva processual” (BITENCOURT, 2004). Os principais temas abordados pela teoria são a formação, capacitação e autodesenvolvimento de colaboradores e, como

consequência, essa massa crítica de conhecimento de prática profissional torna a empresa mais rica em conhecimentos, habilidades e capacidades de gestão para lidar com os desafios da concorrência.

Oriundo de um conceito de que as empresas necessitam, com o passar do tempo, de uma constante reciclagem, com o objetivo de avançar seus conceitos e não perder mercado para a concorrência, é que surgiu o estudo da AO, que é tratada por meio de diferentes abordagens, por exemplo, a gestão de competências e sua contribuição (BITENCOURT, 2004), além de estudos bibliométricos, que demonstram de que forma a AO está sendo discutida (ANTONELLO; GODOY, 2009).

A AO pode influenciar diretamente a rotina de uma organização no tocante à centralização de poder por meio do conhecimento de rotinas. A AO prega a disseminação do conhecimento como uma necessidade evolutiva da organização, porém, a centralização com o objetivo de poder e barganha política, troca de favores e informações, é comum no meio empresarial para obter vantagem competitiva dentro e fora da organização.

Com uma ligação ao conceito de aprendizagem, a Teoria das Redes (TR) vem se tornando um tema presente em periódicos e pesquisas ligadas às Ciências Sociais Aplicadas. Falar em TR não é falar em Redes Sociais Virtuais, como o *Facebook*, mas em redes de relacionamentos entre pessoas e/ou entre empresas com objetivos comuns (LOPES; MORAES, 2000).

Para entender melhor a conexão da TR com as demais, para o escopo deste estudo, é necessário contextualizar a evolução da própria TR. Voltemos ao cenário dos anos 1960, onde prosperidade e desenvolvimento econômico foram sucedidos por crise – altas taxas de desemprego e inflação (LOPES; MORAES, 2000).

As fábricas possuíam altos índices de capacidade ociosa devido às transações comerciais nacionais ocorrer em ritmo lento, em razão da crise econômica. Nesse momento, as empresas utilizaram os conhecimentos de aprendizagem organizacional e iniciaram um movimento de conquista de novos mercados para além de suas fronteiras, o que foi chamado de “além-fronteiras” – o desenvolvimento de transações comerciais internacionais com o objetivo de sobrevivência em face da crise (LOPES; MORAES, 2000).

O cenário reflete “uma situação parecida com a existente no início do século XIX, onde os países europeus se engajaram na conquista de colônias na África e Ásia para garantir consumidores para os produtos fabricados nas metrópoles” (LOPES; MORAES, 2000, p. 3). A utilização de redes como forma de ligações entre empresas pelo bem comum entre elas configurou-se como redes organizacionais. Nos anos 1980, com a era da

incerteza, a inovação passou a ser base da sobrevivência e garantia de mercado, e as empresas aprenderam a criar também por aprendizagem e, muito mais, por necessidade de equipes multifuncionais de trabalho, aumentando o incentivo às novas tecnologias, visto que a internet começava a ser fator de sucesso para as organizações.

Portanto, segundo Baker (1992), todas as organizações são redes. O fato gerador de uma rede social ou organizacional é a relação de interdependência entre os atores que dela participam. Essa relação pode ser uma forma de dominação e exercício de poder ou influência com o objetivo de conquistar algo por meio da vantagem de possuir um contato vantajoso para determinada operação que a organização vai realizar ou simplesmente uma prática comum conhecida como QI, quem indica, onde pessoas indicam pessoas e empresas para realizar projetos em troca de outras indicações futuras. Essa rede tende a ser tendenciosa a direcionar pequenos grupos para grandes realizações, o que leva ao conceito abordado anteriormente, geração de poder e capacidade política para a sobrevivência de determinada organização ou grupo.

2.2 Poder e Política

A influência do poder nas empresas em sua formatação nos anos 1960 e nos anos 2000 mudou, de acordo com as necessidades e entradas de tecnologias da informação e tecnologias de produção; porém, em sua essência, o poder é imposto ou exercido de forma natural desde que as primeiras formas de organizações humanas foram estabelecidas, bem como as TO, que vêm se desenvolvendo no decorrer da História, ou se adaptando ao modo de vida e organizacional da sociedade. O estudo sobre o poder vem sendo feito pelas diversas áreas do conhecimento e a sua compreensão pode ser realizada a partir de diversas conotações. Pode-se dizer que poder é o meio pelo qual os conflitos são resolvidos e política a capacidade de gerenciamento (MORGAN, 1996).

Giglio *et al.* (2012, p. 53) tratam poder e política como “a vantagem particular de alguém em relação ao coletivo”. Faria e Meneghetti (2010, p. 39) que vão além e incluem a ciência, afirmando que “a relação entre ciência e poder é uma discussão constante, não só porque esteja intimamente relacionada à ideologia, mas também por estar associada à força produtiva, às condições materiais de existência, às relações de produção e assim por diante”.

O objetivo, nesse momento, é compreender como tais relações ocorrem na esfera organizacional. Vieira e Carvalho (2003) definem o poder como sendo a capacidade que

um indivíduo ou organização possui de impor extrapolações ou projeções de sua estrutura interna em seu meio ambiente. Ou seja, “o poder é tratado como um trunfo em um jogo no qual o mesmo tem uma conotação semelhante ao dinheiro ou à posse de uma vantagem tática ou estratégica” (MAIA; FONSECA, 2007, p. 2) e política como a habilidade de impor ou realizar o poder existente.

Há vertentes de estudo que tratam o poder como uma forma de liderança, ou liderança como relação de poder (SILVA; CARVALHO NETO, 2012). Bobbio (*apud* ESG, 1996) destaca três tipos de poder conforme a sua manifestação: poder econômico, cuja variável é a riqueza; o poder ideológico, cuja moeda é o saber; e o poder político, que vale da influência como recurso para a sua manifestação. Tais conceitos de poder no âmbito das organizações o classificam como um sistema social mais formalizado da sociedade, sendo, portanto, um sistema de significativas condutas institucionalizadas (MOTTA, 1993).

Outra interpretação em relação a poder e política nas organizações é que a burocracia está ligada à forma de poder imposta:

Burocracia é igual à organização. Tragtenberg compreende que a complexidade crescente das organizações no sistema capitalista faz com que elas adotem, na mesma proporção, uma estrutura racional legal caracterizada pela impessoalidade para garantir a reprodução da própria organização. Além disso, a burocracia é entendida como um sistema racional construído da divisão do trabalho, que tem, como princípio, os fins (FARIA; MENEGHETTI, 2011, p. 6).

Quando se fala em Poder e Política, é inevitável que algumas palavras venham à tona, como realidade social, burocracia, medo, controle, dominação, manipulação. O tema Poder está diretamente ligado aos verbos e adjetivos descritos como principais formas que autores como Mota, Faria, e principalmente o filósofo francês Michel Foucault, demonstram em suas obras. Foucault (2009) retrata a realidade das prisões por meio de sua forma de dominação sobre os presos – torturas – que eram os suplícios em praça pública, onde os governantes faziam questão de se impor, demonstrar seu poder por meio da intimidação e domínio da população (SILVEIRA, 2005).

Foucault começou a ser estudado e contribuir para os estudos organizacionais na década de 80, quando o artigo de Burrell (1988) sobre a contribuição de Foucault para a análise das organizações foi emblemático, na série da *Organization Studies*, pois divulgou o pensador para a área. Burrell (1988) tenta explicar o papel do filósofo no debate sobre

pós-modernismo em Ciências Humanas e os possíveis benefícios de suas ideias para as organizações.

As principais ideias do filósofo giram em torno da dominação que os sistemas de poder impõem às pessoas na sociedade e nas empresas por meio de hierarquia e do poder político, que resultam na obediência a regras impostas por pequenos grupos ao comportamento da maioria. O objetivo é a legitimação e a perpetuação do poder pelo medo e fazendo que as pessoas de forma inconsciente trabalhem para manter uma engrenagem funcionando que gere lucros e riqueza, como consequência, mais poder aos grupos dominantes, seja pela imposição da força, em regimes mais antigos e duros, ou pela imposição econômica, em que o poder é cruel e gera desigualdades que apenas legitimam os grupos dominantes (AMORIM, 2010).

Trazendo o tema para as organizações, as ideias de Foucault, traduzidas por Silveira (2005), temos que o poder nas organizações é exercido de diversas formas, conforme os conceitos descritos, em que, em nível médio, por exemplo, um gerente pode se valer da posição com a finalidade de influenciar e solicitar que os funcionários entreguem determinada análise que pode favorecê-lo para uma promoção, ou algum material que pode comprometer outra área ou pessoa.

O uso do poder para fazer política nas organizações é muito comum; além de ter a capacidade de agregar, se usado para fins comuns e de acordo com objetivos da empresa, ou pode também ser utilizado para fins pessoais, de promoção e até para a legitimação de poder por meio da imposição de posição hierárquica. Pode-se relatar inúmeros cenários de utilização de poder nas organizações para diversos fins, bem como o uso da política, porém o objetivo do artigo não é descrever casos, mas, ao contrário, é trazer à tona a reflexão do uso do poder nas organizações com finalidades boas ou ruins, de acordo com o ângulo de análise e fazer uma ligação com a evolução das teorias organizacionais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo pode ser classificado como descritivo e bibliométrico. A bibliometria pode ser definida como um conjunto de leis e princípios empíricos, utilizada quando se pretende analisar o curso da comunicação de determinada disciplina (PRITCHARD, 1969). De acordo com Cardoso *et al.* (2005), a bibliometria tem como objetivo a pesquisa das publicações, mensurando a repercussão e o impacto de alguns autores ou periódicos e proporcionando, assim, o conhecimento de suas ocorrências. Conforme Gil (2002, p. 42),

“as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, pretende-se apresentar as produções científicas dos anais dos EnANPADs no período de 2008 a 2013.

Em relação aos procedimentos operacionais de levantamento dos dados, foi escolhido o banco de dados dos EnANPADs. Foram consideradas na pesquisa as publicações desde o seu início, para efeito de análise teórica; entretanto, análises aprofundadas com leitura na íntegra dos artigos foram realizadas referentes ao período de produção, para identificação dos temas centrais Poder e Política.

Na segunda etapa, os artigos foram analisados e agrupados conforme as Tabelas 2 e 3 (p. 821-22) por número de autores e procedimentos metodológicos e finalmente separou-se por artigos relacionados aos temas Poder e Política nas organizações, temas centrais deste estudo, conforme Tabelas 4 e 5 (p. 822). Com relação aos critérios de seleção dos trabalhos, foi verificado se o título ou as palavras-chave continham os termos poder e política.

Após, procedeu-se à leitura dos artigos para a confirmação do emprego desses termos no tema de pesquisa e sua efetiva relação com a área da Administração. Os resultados foram interpretados com base na literatura da área e na experiência prévia de seleção de artigos pelos autores.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na primeira parte da análise, foram divididos os artigos contendo as palavras-chave Poder e Política, no período da pesquisa. A Tabela 1, a seguir, demonstra o total de artigos publicados nos anais do EnANPAD no período de 2008 a 2013.

Nota-se que o total de artigos publicados por ano se equivale, com exceção ao ano de 2011, quando os temas foram menos abordados, em especial, política. Em 2010, há uma redução no número de artigos que tratam o tema Poder, em comparação aos demais anos, em que a curva oscila entre 10 e 15 artigos.

No geral, nota-se que o tema “Política” é mais trabalhado do que “Poder”, situado em 67% do total dos artigos.

Tabela 1 – Demonstração do total de artigos por palavra-chave (2008-2013)

Tema	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
Poder	14	15	4	10	11	14	68	33%
Política	23	24	27	8	27	31	140	67%
Total	37	39	31	18	38	45	208	100%

Fonte: dados de pesquisa

A Tabela 2 é responsável por demonstrar o número de autores por artigo. Destaca-se a quantidade de dois autores, com uma participação de 56%, seguida de obras individuais, com 18%. As pesquisas publicadas individualmente ou em duplas representam 74% do total, sendo individuais com 56% e em duplas contabilizando 18%.

Tabela 2 – Número de autores por artigo (2008-2013)

Número de autores por artigo	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
1	9	10	6	1	7	5	38	18%
2	18	20	21	11	21	25	116	56%
3	3	5	1	6	6	6	27	13%
4	3	3			2	3	11	5%
5	2		2		1	4	9	4,5%
6	2	1	1		1	2	7	3,5%
Total	37	39	31	18	38	45	208	100%

Fonte: dados de pesquisa

A Tabela 3 ilustra os procedimentos adotados para o desenvolvimento das pesquisas. Estudos exploratórios lideram, com 56%, seguidos de estudos de caso e pesquisas documentais, com 20% e 16%, respectivamente. Nota-se uma queda da pesquisa documental nos anos de 2009, 2010 e 2011 para uma curva ascendente em 2012 e uma nova queda em 2013, assim como os estudos de caso, que apresentaram queda de 60% em 2010 e 2011 em relação a 2009, porém elevação na participação em 2012 e 2013. Durante a análise dos artigos foi constatado que a pesquisa exploratória é a mais indicada para a abordagem dos temas Poder e Política, visto que é a preferência dos autores devido à elasticidade que o método proporciona em decorrência da necessidade de abrangência dos temas.

Tabela 3 – Procedimento metodológico (2008-2013)

Procedimento metodológico	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
Pesquisa documental	10	4	3	4	8	4	33	16%
Estudo exploratório	16	19	22	12	18	30	117	56%
Estudo de caso	9	11	5	1	8	7	41	20%
Estudo bibliométrico	2	5	1	1	4	4	17	8%
Total	37	39	31	18	38	45	208	100%

Fonte: dados de pesquisa

As Tabelas 4 e 5 representam as citações com as palavras-chave nos textos que possuem interligação ao tema organizacional, ou seja, se os textos publicados contendo essas palavras-chave possuem relevância ou tratam temas ligados às organizações. Com relação ao tema Poder, há uma maioria de produções que debatem o tema organizações sob algum ângulo de visão e estudo, enquanto que em política existe um ligeiro predomínio de o tema ser tratado em outras esferas que não estão ligadas às organizações.

Tabela 4 – Citações com o termo Poder relacionadas ao campo das organizações (2008-2013)

Citações de poder ligadas às organizações	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
Sim	9	13	1	6	9	14	52	68%
Não	5	2	3	4	2	9	25	32%
Total	14	15	4	10	11	23	77	100%

Fonte: dados de pesquisa

Tabela 5 – Citações com o termo Política relacionadas ao campo das organizações (2008-2013)

Citações de política ligada às organizações	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
Sim	11	13	12	3	9	15	63	43%
Não	12	11	15	5	18	22	83	57%
Total	23	24	27	8	27	37	146	100%

Fonte: dados de pesquisa

As tabelas 6 e 7 revelam os autores mais produtivos, que trabalharam os temas Poder e Política, demonstrados por meio da quantidade total de artigos publicados no período de 2008 a 2013, nos anais do EnANPAD.

Tabela 6 – Autores mais produtivos para o tema Poder (2008-2013)

Autores mais produtivos: tema Poder	Quantidade de trabalhos apresentados
José Henrique de Faria	3
Francis Kanashiro Meneghetti	2
João Felipe Rammelt Sauerbronn	2
Nathalia Carvalho Moreira	2

Fonte: dados de pesquisa

Tabela 7 – Autores mais produtivos para o tema Política (2008-2013)

Autores mais produtivos: tema Política	Quantidade de trabalhos apresentados
Anderson Rafael Nascimento	3
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio	3
Ivan Beck Ckagnazaroff	3
Antonio Thiago Benedete da Silva	2
Carlos Afonso Caldeira Filho	2
Daniel Leite Mesquita	2
Eduardo Cerqueira Batitucci	2
Fernanda Mitsue Soares Onuma	2
Ingrid Winkler	2
Janann Joslin Medeiros	2
Judith Zuquim	2
Leila Giandoni Ollaik	2
Letícia Godinho de Souza	2
Luiz Antônio Abrantes	2
Luiz Roberto Alves	2
Marcus Vinicius Gonçalves da Cruz	2

Fonte: dados de pesquisa

Destaca-se que os autores procuraram desenvolver os temas com relativa frequência nos últimos cinco anos, com ênfase para os autores que publicaram por três oportunidades em cinco possíveis, utilizando textos que abordam os temas centrais política e poder, porém, com abordagens específicas em cada ano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do poder e política nas vertentes organizacionais e realidade social contribui para a evolução das teorias já existentes e possibilita novos artigos. Foi constatado que o número de trabalhos possui relevância nos últimos cinco anos, pois tratam de temas diversos inseridos no arcabouço das teorias organizacionais.

Os temas não são novos na literatura e já foram abordados com inúmeras vertentes visando à análise organizacional. O objetivo deste trabalho foi descrever e discutir, por meio do referencial teórico, e demonstrar e analisar por intermédio da pesquisa bibliométrica, a importância do tema Poder e Política para a Administração de Empresas, tendo como base as teorias que suportam os pilares da Administração, as teorias organizacionais.

Pode-se notar que a produção sobre os temas ligados às teorias organizacionais é intensa. Foi constatado que Poder e Política vêm sendo debatidos no âmbito das organizações devido aos manuscritos discutirem um tema com elasticidade suficiente para ser explorado, utilizando diferentes vertentes de análise e trazerem à tona a evolução das teorias organizacionais desde as suas origens, no tocante a Taylor e Fayol, até a forma de administração de grandes multinacionais, que contribuem para a formação de novas teorias ou considerações acerca das existentes, onde o tratamento do poder e da política é dinâmico, ou seja, um artigo que trata um estudo de caso de cinco anos atrás na grande maioria não possui a mesma abordagem de um de 2013, visto que as necessidades das organizações mudam com elevada velocidade e a abordagem dos temas no dia a dia organizacional sofre constantes variações, bem como as contribuições teóricas analisadas nos artigos vão de encontro e se confundem com a própria história da evolução das organizações, daí a necessidade de novos estudos sobre os temas.

Destaca-se que o tema poder predomina em relação ao tema política, e trata na maioria das obras sobre poder nas organizações, utilizando a pesquisa exploratória como forma de abordagem principal, 56%, em que a abordagem é mais ampla, seguida pelo estudo de caso, com relativa representatividade, 20%, em que o tema é abordado de forma pontual em empresas de diversos ramos de atividade.

A complexidade do tema sugere que 80% dos artigos foram elaborados com a participação de dois pesquisadores ou mais, enquanto que 20% por apenas um pesquisador.

O estudo apresenta como limitação não incorporar outras publicações, visto que o foco de pesquisa foi no evento da ANPAD, o que implica necessidade de uma análise bibliométrica em anais de outros eventos e periódicos, com o objetivo de comparação e aprimoramento da base de dados e novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. C. S.; PEREZ, R. H. M. **Poder e Liderança: as contribuições de Maquiavel, Gramsci, Hayek e Foucault**. Revista de Ciências da Administração, v. 12, n. 26, p. 221-243. 2010.
- ANPAD. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração. Disponível em: <www.anpad.org.br> Acesso em: 13 set. 2013.
- ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. **Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional**. RAE-revista de administração de empresas, v. 49, n. 3, p. 266-281. 2009.
- BAKER, W. **The network organization in theory and practice**. In: NOHRIA, Nitin, ECCLES, Robert (org.). Networks and organizations: structure, form and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992, cap. 15, p. 397-429.
- BITENCOURT, C. C. **A gestão de competências gerenciais e a contribuição da aprendizagem organizacional**. rae-revista de administração de empresas, v. 44, n. 1, p. 58-69. 2004.
- BURREL, G. **Modernism, post-modernism and organization analysis 2: the contribution of Michel Foucault**. Organization Studies, v. 9, n. 2. 1988.
- CARDOSO, R. L. et al. **Pesquisa científica em contabilidade entre 1990 e 2003**. rae-revista de administração de empresas, v. 45, n. 2, p. 14-25. 2005.
- CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de Estudos Organizacionais: reflexões e novas direções**, v. 2, São Paulo: Atlas. 2001.
- DRUCKER, P. **Sociedade Pós-Capitalista**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.
- ESG – ESCOLA SUPERIOR DA GUERRA. **Subsídios para estudos dos fundamentos doutrinários**. Rio de Janeiro: ESG, 1996.
- FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. **(Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais**. Cadernos EBAPE. BR, v. 8, n. 1, p. 38-52, mar. 2010.
- FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. **Burocracia como organização, poder e controle**. rae-revista de administração de empresas, v. 51, n. 5, p. 424-439, out. 2011.
- FERREIRA, A. A., REIS, A. F., PEREIRA, M. **Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GIGLIO, E.; PUGLIESE, R. L.; SILVA, R. M. **Análise dos conceitos de poder nos artigos brasileiros sobre redes**. Revista de Administração da UNIMEP, v. 10, n. 3, p. 51-69, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, P. H. V.; HOLANDA, A. P.; CABRAL, A. C. DE AQUINO; SANTOS, S. M. DOS. **Características da Produção Bibliográfica Brasileira no Campo da Teoria das Organizações: Um Estudo Bibliográfico**. In: SemeAd – Seminários de Administração da USP, 12, São Paulo: USP, 2010. p. 1-14.
- JUNIOR, E. B. **Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil**. Universidade Estadual Paulista. 2008.
- LOPES, H. E. G.; MORAES, L. F. R. de. **Redes e organizações: algumas questões conceituais e analíticas**. In: EnEO – Encontro de estudos organizacionais. Curitiba: ANPAD, 2000, p. 1-14.
- MAIA, C. de F. M.; FONSECA, D. **Conhecimento e Poder nas Organizações de Tecnologia da Informação**. In: EAI – Encontro de Administração da Informação, Florianópolis: ANPAD, 2007, p. 1-14.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MOTTA, F. **Controle social nas organizações**. rae-revista de administração de empresas, v. 33, n. 5, p. 68-87. 1993.
- PRITCHARD, A. **Statistical bibliography or bibliometrics?** Journal of Documentation, v. 25, n. 4, p. 348-349. 1969.
- PUGH, D. S.; HICKSON, D. J. **Os teóricos das organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- SILVA, A. dos SANTOS; CARVALHO NETO, A. **Uma contribuição ao estudo da liderança sob a ótica weberiana de dominação carismática**. RAM, REV. ADM. Mackenzie, v. 13, n. 6, p. 20-47. 2012.
- SILVEIRA, R. A. **Michel Foucault: poder e análise das organizações**. Rio de Janeiro: FGV. 2005.
- SINGER, P. **A universidade no olho do furacão**. Estudos avançados – Revista do IEA-USP, v. 15, n. 42, Edição Especial, p. 305-316, 2001.
- VIEIRA, M. M. F.; CARVALHO, C. **Organizações, instituições e poder no Brasil**. 1. ed. FGV, São Paulo, 2003.
- VIZEU, F. **(Re) contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do Management**. RAC, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 780-797. 2010.